

APRESENTAÇÃO

Presentation

Susan Blum Pessoa de Moura*

ABRINDO A PORTA PARA IR JOGAR...

No ano de 2004 o mundo festejou o Ano Internacional Julio Cortázar (1914-1984), com vários eventos correndo mundo e muitos países organizando encontros, palestras, seminários, discussões e re-edições da obra do escritor argentino. Tudo isso em comemoração aos noventa anos de Cortázar, sendo vinte de sua morte.

A Universidade Federal do Paraná também se organizou para possibilitar a alunos, professores e comunidade um conhecimento maior desse escritor argentino nascido em Bruxelas. O evento, que ocorreu de 22 a 26 de novembro de 2004, contou com a presença de estudiosos e de um grande público de apaixonados espectadores, todos leitores de Cortázar. “Abrindo a porta para ir jogar”, nome dado ao evento, é uma referência a um ensaio do escritor e também alude à tentativa de se abrir novos pontos de vista com os palestrantes, em um jogo conjunto de escritor e leitor.

A abertura do evento se deu com ninguém menos que Cleusa Rios Pinheiro Passos (USP),¹ que conheceu o *gran cronópio*. Sua fala não somente apresentou Cortázar como associou sua obra a idéias psicanalíticas. Uma das impressões mais comuns nos leitores de Cortázar é o de estranhamento e a profª. Passos explicou essa sensação baseada em estudos de Freud, como o *unheimlich*. Além disso, explicitou a subversão de Cortázar que se dá, entre outras possibilidades, com o deslocamento, aproveitando para realizar associações com os cronópios. Também o humor, traço característico do autor, foi analisado através do ludismo e do experimentalismo.

* Mestre em Literatura, pesquisadora do grupo de estudo do espaço UFPR e coordenadora de literatura da Casa de Artes Helena Kolody (CAHK).

¹ Escritora dos livros *Outro modo de mirar – uma leitura dos contos de Cortázar* (1986) e *Confluências – crítica literária e psicanálise* (1995).

No segundo dia o evento contou com a mesa redonda envolvendo professores como Ana Ferrari (PUC), Paulo Venturelli (UFPR) e Susan Blum (CAHK), que nos abriram novas portas trazendo outras visões. Ana Ferrari apresentou o fantástico na obra do escritor, discutindo uma leitura do conto “Casa Tomada”,² mostrando como Cortázar construiu dentro de um ambiente familiar, e dado como seguro – a própria casa –, um sentimento de insegurança e fuga.

Venturelli nos prestou um “bom serviço” ao abrir a porta do homoerotismo em Cortázar. Para isso aproveitou o conto “Los buenos servicios” pontuando detalhes da urdidura de Cortázar, como cores, sensações e a duplicidade, além de pequenas e leves pinceladas de símbolos eróticos. Todos como signos de morte.

Também me coube a tentativa de abrir uma porta. E justamente a porta espacial do conto, aproveitando o envolvimento do leitor que Cortázar tão sabiamente promove. Para uma melhor compreensão me aproveitei de um conto curtíssimo do escritor, chamado “Continuidade dos parques”,³ e da litografia de Escher chamada “exposição de gravuras”. Em ambas as obras se percebe a subversão do espaço, promovendo o comprometimento do leitor/espectador.

No terceiro dia outra mesa redonda, com Marcio Abreu (ACT) e Roberto Pinheiro,⁴ abriu portas mais artísticas. Conheceu-se um pouco do teatro do absurdo com Roberto Pinheiro em que ele apresenta a autenticidade, a angústia e o existencialismo na obra de Cortázar apresentando as idéias de Heidegger para ponto e contraponto.

Marcio Abreu,⁵ com sua experiência teatral, inclusive com uma peça premiada baseada no livro *La vuelta al día en ochenta mundos*, revelou o lado dramatúrgico de Cortázar. Para isso aproveitou a escrita no livro *Adeus, Robinson – e outras peças curtas* trabalhando justamente o “Adeus, Robinson”, um roteiro radiofônico. Nele se percebe claramente não somente a crítica social de Cortázar, mas o existencialismo e a incomunicabilidade presente não somente na época em que Robinson estava isolado na ilha mas também nesse seu retorno à mesma. Novamente o humor, já indicado pela prof^a Cleusa, transparece em meio a um turbilhão de pequenos detalhes.

Por fim, no quarto e último dia, leituras dramáticas de contos e historietas foram realizadas por Emerson Rechemberg e Susan Blum,⁶ na

² Do livro *Bestiário* (1970).

³ Do livro *Final de Jogo* (1974).

⁴ Infelizmente o diretor Edson Bueno foi impossibilitado de comparecer a essa mesa redonda.

⁵ Diretor e ator, também coordenador de atividades no ACT.

⁶ Substitutos de Marcio Abreu e Edson Bueno.

sala de exposição⁷ que continha muitos livros de Cortázar, além de livros de estudiosos dele, recortes de jornal, fotografias, ensaios, cartazes e CDs com a voz do escritor lendo seus escritos e falando deles e da vida. As leituras dramáticas incluíram os contos “Axolote” e “O rio” (ambos de *Final de jogo*) e a grande maioria dos escritos de *Histórias de Cronópios e de famas*.

Enfim, esperamos que, como desejava Cortázar, novas portas tenham sido abertas, ou que, ao menos, cada participante do evento tenha adquirido mais coragem para abrir as portas, como o escritor menciona no ensaio já relatado:

Con la más convencional de las sonrisas, Barba Azul ordena: “Jamás abras esa puerta”, y la pobre muchacha que algunos llaman Anima no cumplirá el destino que la heroína de la leyenda le proponía con un oscuro signo de complicidad. No solamente no abrirá la puerta sino que sus mecanismos de defensa llegarán a ser tan perfectos que Anima no verá la puerta, la tendrá al alcance del deseo y seguirá buscando el paso con un libro en la mano y una bola de cristal en la otra. ¿No quieres la verdadera llave, Anima? En Judas ha podido verse la máquina necesaria para que la redención teológica cuajara en su espantoso precio de maderas cruzadas y de sangre; Barba Azul, esa otra versión de Judas, sugiere que la desobediencia puede operar la redención aquí y ahora, en este mundo sin dioses. A la luz de figuras arquetípicas toda prohibición es un claro consejo: abre la puerta, ábrela ahora mismo. La puerta está bajo tus párpados, no es historia ni profecía. Pero hay que llegar a verla, y para verla propongo soñar puesto que soñar es un presente desplazado y emplazado por una operación exclusivamente humana, una saturación de presente, un trozo de ámbar gris flotando en el devenir y a la vez aislándose de él en la medida en que el soñante está en su presente, que concita fuera de todo tiempo y espacio kantianos las desconcertadas potencias de su ser. En ese presente para el que Anima no sabe todavía usar sus fuerzas liberadas, en esa pura vivencia donde el soñante y su sueño no están distanciados por categorías del entendimiento, donde todo hombre es a la vez su sueño, estar soñando y ser lo que sueña, la puerta espera al alcance de la mano. No hay más que abrirla (“Jamás abras esa puerta” dio Barba Azul) y la manera es esta: hay que aprender a despertar dentro del sueño, imponer la voluntad a esa realidad onírica de la que hasta ahora sólo se es pasivamente autor, actor y espectador. Quien llegue a despertar a la libertad dentro de su sueño habrá franqueado la puerta y accedido a un plano que será por fin un *novum organum*. Vertiginosas

⁷ A exposição se manteve aberta ao público do dia 22 ao 26, em vários horários.

secuelas se abren aquí al individuo y a la raza: la de volver de la vigilia onírica a la vigilia cotidiana con una sola flor entre los dedos, tendido el puente de la conciliación entre la noche y el día, rota la torpe máquina binaria que separaba a Hipnos de Eros. O más hermosamente, aprender a dormirse en el corazón del primer sueño para llegar a entrar en un segundo, y no sólo eso: llegar a despertar dentro del segundo sueño y abrir así otra puerta, y volver a soñar y despertarse dentro del tercer sueño, y volver a soñar y a despertar, como hacen las muñecas rusas. "Jamás abras esa puerta" dice Barba Azul. ¿Qué harás tú, *animula vagula blandula*? (CORTÁZAR, 1974,⁸ p. 172)

Sim... que faremos nós? Convido o leitor a **não** abrir algumas dessas portas, poucas portas das que foram apresentadas no evento. Delas, a de Venturelli, a de Machado, a de Ferrari e a minha.

⁸ Do livro *Ultimo round*.